

BOURDIN, Gabriel. *La Jungla Antropológica – una introducción a la antropología del gesto y el mimismo de Marcel Jousse*¹. Ciudad de México-MX: UNAM/IIA, 2019.

Rachel Rocha de Almeida Barros²

A ANTROPOLOGIA COISAL DE MARCEL JOUSSE

La Jungla Antropológica – una introducción a la antropología del gesto y el mimismo de Marcel Jousse, obra de Gabriel L. Bourdin, publicada pelo Instituto de Investigaciones Antropológicas (IIA) de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), em 2020, 179 p., promete provocar boas discussões no campo antropológico brasileiro.

Com Prólogo de Edgard Siennaert, pesquisador honorário do Centro de Estudos de África da Université du Free State Bloemfontein, África do Sul, um especialista na obra de Marcel Jousse, o livro de Bourdin realiza um movimento já iniciado noutros lugares (França, Inglaterra, África do Sul) disponibilizando, agora em espanhol, pela primeira vez, uma visão geral da antropologia jousiana, oferecendo ao leitor um olhar ampliado sobre a produção desse interessante pesquisador que também era padre e militar. A obra de Bourdin se soma ao pouco que se conhecia, no México, sobre a obra do antropólogo francês: Castellani (2012 [1953]), Aulestia (1994) e Rabinovich (2005; 2007), mas o faz de maneira mais abrangente, didática e comentada.

A obra polifônica e plurilógica de Marcel Jousse, para não ficarmos apenas no transdisciplinar, inspira-se no estilo oral, no gesto mnemotécnico-criativo do improvisador oral tradicional, na recitação e no balanço rítmico. Esse estilo oral, que caracteriza a expressão dos povos sem escrita, ditos verbomotores pelo autor, é alimentada por fórmulas gestuais que inscrevem nos corpos os saberes tradicionais desde a infância. É por isso que a tese jousiana da antropologia do gesto e do mimismo envolve uma crítica radical dirigida contra a cultura e contra a pedagogia marcadamente livrescas que caracterizam a civilização urbana do Ocidente moderno.

“[...] Julgamos as pessoas pela quantidade de páginas que ela escreveu, quando deveríamos compreendê-las pela quantidade de realidade que puderam captar. Porque quem, genuinamente, descobriu algo, quase sempre o fez porque deixou de lado seus livros com o objetivo de fazer frente à realidade mesma” (S 01-02-1934). Esse raciocínio,

¹ A Selva Antropológica - uma introdução à antropologia do gesto e ao mimismo de Marcel Jousse.

² É professora de Antropologia no Instituto de Ciências Sociais, atua nos cursos de Graduação em Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas e coordena o Laboratório da Cidade e do Contemporâneo. E-mail: rachel.rocha@ics.ufal.br

claramente afinado com muitas das reflexões contemporâneas sobre o valor da etnografia e mesmo o seu sentido (Ver INGOLD, 2015), demonstra a vitalidade e a atualidade do pensamento jousiano.

O leitor é alertado, logo às primeiras páginas, para o fato de que o pensamento singular de Marcel Jousse requer uma atitude intelectual “flexível”, e tem sido essa também a atitude dos continuadores contemporâneos de sua obra, dentre eles o próprio Gabriel Bourdin que junto com outros estudiosos da obra de Marcel Jousse dialogam nesse interessante livro, entre eles o já citado Sienaert, mas também Baron, Jacquignon...

Em muitos aspectos, pode-se dizer Marcel Jousse seguiu seus conterrâneos contemporâneos, dentre outras formas, acompanhando a falta de tradição de campo da antropologia francesa do XIX e início do XX. Essa situação, entretanto, não o impediu de atribuir enorme importância ao trabalho de campo, chegando mesmo a propor o que denominou de “laboratório étnico” como forma de investigação, além do uso de gravadores para registro da experiência direta do mundo, particularmente do mundo dos povos espontâneos, para os quais o ritmo, o gesto e a corporeidade expressiva são onipresentes, ainda que esse movimento se desse na direção salvaguardista que defende a necessidade da etnografia, “antes que a implacável invasão da cultura europeia moderna se abatesse sobre as outras civilizações”. Além disso, Jousse se ressentia da falta de preparação dos etnólogos de sua época para lidar com registros e interpretá-los adequadamente. Essas posições se deviam à sua fidelidade ao real, pois a contrapelo do que chamou de *algebrismo* e de *algebrosis* (espécie de dissociação do real) da expressão e da condição humana, Jousse perseguiu uma coerência maior, uma maior flexibilidade e ductilidade (ou resiliência) diante das coisas e dos eventos.

Voltada para o leitor especializado em Ciências Humanas, a obra de Gabriel Bourdin apresenta a metodologia jousiana como de aplicação adequada ao horizonte cultural das tradições de estilo oral originárias do continente americano. Por isso mesmo, as ferramentas da metodologia de Jousse se mostram poderosas para uma reflexão sobre os processos de conhecimento e produção de saberes populares e tradicionais, que em contraposição aos saberes acadêmicos e científicos não recuam da realidade em nenhum momento, produzindo uma reflexão “coisal” - isto é, motivada “pelas coisas propriamente ditas e não por palavras que nomeiam as coisas e que podem, por vezes, até ocultá-las”. Por isso ele criticava a pedagogia e a antropologia de seu tempo, pois em lugar de observar os fatos reais da infância ou da sociedade, ofereciam construções ideológicas sobre as “crianças” e os “selvagens”.

Se não estivessem tão bem explicados no livro de Gabriel Bourdin, os conceitos que compõem a antropologia jousiana requereriam, em português, a publicação de um glossário, pois o franco diálogo da antropologia de fronteira de Marcel Jousse com outras

áreas do conhecimento lhe permite o uso de termos interessantes e pouco conhecidos do nosso público leitor. *Coisal*, que acabamos de citar no parágrafo anterior, é um desses termos singulares que o leitor vai encontrar na *Selva Antropológica* de Gabriel Bourdin a partir da obra de Jousse. Outros seriam *culturas plumitivas* (um jogo de palavras com 'culturas primitivas' para destacar a pluma, a caneta, como base da cultura escrita) e *intussuscepção*, que significa ingestão. Este último termo, advindo do diálogo com a biologia, também significa "penetração, num organismo, de novas moléculas entre as já existentes, no decurso do crescimento"³. Ou seja, para além de um processo de interiorização do objeto, é mistura, digestão, canibalização expressiva. Fato de receber em si e de assimilar. O crescimento de todo corpo vivo só se executa por *intus-susception*, isto é, por penetração interior ou introdução no indivíduo de matérias que depois de sua assimilação devem ali acrescentar-se e dele fazer parte.

Outro termo curioso é *algebrose*, já citado aqui. A palavra, feita da união da terminologia matemática (álgebra) com a terminologia psiquiátrica (neuroses, psicoses, nevroses), indica um estado de dissociação com o mundo real. *Mimismo*, palavra que vem de mímico, também merece aqui ser citado. "O que é o mimismo? – deixemos o próprio Jousse responder – É o universo que se encontra diante de um espelho vivo e esse espelho vivo o intussuscepção e o repete. Eis o Homem. Eis o abismo que tentamos preencher". É a síntese do diálogo com a realidade.

ANTHROPOS, ESSE MÍMICO FATAL

Poderíamos mesmo dizer que o *mimismo* e o *algebrismo* são as duas respostas contraditórias a que Jousse chamou de "a formidável questão do comportamento humano diante do real". Para o pensador francês, a imensa dificuldade que temos de nos compreendermos uns aos outros se deve ao fato de nossa sociedade estar em ruptura com o real. Nesse cenário de preocupações, Bourdin apresenta a obra de Marcel Jousse situada naquele conjunto de reflexões que buscam superar a dissociação da matéria antropológica causada atualmente por uma compartimentalização excessiva, dispersiva e esterilizante.

A mímica é expressão humana. É a maneira de apresentar o pensamento por meio de gestos e de expressões corporais e fisionômicas. Jousse observa que as crianças se relacionam com o mundo através da mímica, essa é sua forma de compreendê-lo e de interagir com ele. Nós mimicamos o mundo (sim o verbo mimicar existe!) para dominarmos o mundo, para acessá-lo, para conhecê-lo, para nos relacionarmos com a realidade.

³ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa/intuscep%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 16 dez. 2021.

Essa convicção (e compromisso) de Marcel Jousse com a oralidade e, antes dela, com o gesto como unidade elementar, reverberou metodologicamente em sua produção e em sua forma de apresentar seu pensamento ao mundo. O material das conferências de Marcel Jousse foi, mais que escrito e publicado, *pronunciado*, isso mesmo, pronunciado na forma de Conferências gravadas, Memórias, Cursos Oraís, que foram ministrados em diversas instituições francesas de prestígio acadêmico, a exemplo da Escola de Antropologia de Paris, da Escola de Altos Estudos, da Sorbonne, dentre outras, no período entre 1931 e 1957, o que além de demonstrar a amplitude da circulação dos ensinamentos de Jousse na França da época, nos remete para a clara opção do pesquisador pelo veículo oral, fato que dialoga com suas próprias reflexões e produções. Atualmente, seu legado científico é mantido, estudado e divulgado pela Associação Marcel Jousse, com sede em Paris, França, e conta com a colaboração de diversos pesquisadores em diferentes partes do mundo.

AS ORIGENS DO PENSAMENTO JOUSSIANO

A *Selva Antropológica* de Bourdin situa Jousse integrando importante corrente de pensamento europeu do início do século XX que buscava superar o conflito filosófico estabelecido, desde séculos atrás, entre a ciência e a religião. Dito assim, parece que ao menos parte do que chamamos de pensamento jousiano não seria exatamente uma novidade há pelo menos um século. Os enfoques epistêmicos holísticos, processuais, não lineares já existiam desde o final do século XIX, apresentados pela física teórica com as teorias da incerteza e da relatividade e, em especial, a partir da mecânica quântica. Ou seja, sabemos que já houve o momento em que o paradigma da mecânica clássica foi abandonado e, com ele, também seus derivados filosóficos - os positivistas.

Podemos dizer, junto com Bourdin, que o núcleo explicativo de sua “nova ciência” – como o próprio Jousse chamou sua antropologia do gesto - resume-se a poucas leis antropológicas. É daí, aliás, que adviria os princípios antropológicos de sua futura epistemologia: a *observação*; a faculdade da *intussuscepção* (que seria a fase inicial do processo cognoscitivo do mimismo); o *ritmo-bilateralismo* do estilo oral e a capacidade de recordar e compor a partir de fórmulas, isto é, o *formulismo*. Tudo isso numa perspectiva globalista, em profundo diálogo com outras ciências. Seria essa a morfologia da linguagem gestual. O homem (e finalmente também a mulher) é um complexo de gestos.

A expressão *estilo oral*, título de seu talvez trabalho mais famoso, é apenas uma verbalização, mais exata possível, de um fenômeno que os estudos clássicos deixaram intocado e por fazer. O autor destaca que *O Estilo Oral, Rítmico e Mnemotécnico dos Verbomotores* (1925) mantém sua vitalidade duradoura, oferecendo ao leitor uma visão de singular potencial heurístico, hermenêutico e semiológico de “dinamização” do

conhecimento sobre o homem, pois nesse livro, além de criar um método (psicofisiológico) e de reivindicar uma antropologia processual e mutirreferenciada, Marcel Jousse apresenta seu modelo antropológico, princípios e primeiros desdobramentos.

“NO PRINCÍPIO ERA O GESTO”

Com essa máxima que representa a gestualização hominizante, a obra de Marcel Jousse posiciona-se contrária, como já dito, ao exacerbamento da especialização antropológica que segundo esse autor provoca uma dissociação esterilizante da matéria antropológica propriamente dita – o conhecimento sobre o homem. Com o gesto, Jousse parece ter encontrado o mínimo denominador comum (mdc) da ciência antropológica ou, se preferirmos, sua forma elementar.

“Antes de ser oral, o gesto é global”, ensina Jousse. E é por isso que ele considera que o estilo oral é apenas uma forma particular do estilo global. Ou seja, o estilo oral não é somente a arte tradicional da palavra recitada. Podemos considerá-lo, mais exatamente, uma especialização do estilo gestual global, uma sorte de transposição do gesto global aos órgãos lanrígeo-bucais, modalidade que, de toda forma, conserva sempre – em maior ou menor medida - de acordo com os indivíduos e com as culturas –seu acompanhamento, os gestos de todo o corpo e, em especial, das mãos.

Protagonizando o potencial heurístico, hermenêutico e semiológico de seu método, a obra de Marcel Jousse, produzida no século XIX e ainda pouco revisitada, oferece ao leitor caminhos que se inscrevem facilmente nos debates contemporâneos valorizadores do processual, resguardando a imprevisibilidade do caso a caso que a Antropologia, em última instância, não abandona jamais, sendo esta certamente uma das singularidades dessa ciência.

Essa antropologia de Marcel Jousse, dialogal e rica, e a que poderíamos chamar de dinâmica, liberta a reflexão de parâmetros circunscritos a métodos e estabelece diálogo profícuo com a antropologia da linguagem, com a antropologia e a linguística cognitivas, com os atuais estudos da memória coletiva, com a etnografia dos gêneros da oralidade, como o provérbio, a pregação, a recitação, a narração e a transmissão oral referidas a diferentes línguas e tradições, e com os estudos sobre pedagogias tradicionais e étnicas.

Apresentando-nos o estilo oral como o modo de atividade comunicativa dos povos sem escrita, dos iletrados contemporâneos, mas também como o instrumento rítmico, animado e flexível da memória individual e coletiva, Jousse realça a dimensão experiencial, característica do modo de conhecimento vivente dos povos ‘não dissociados’ (Marcel Mauss). É assim que ele destaca a construção da memória (a partir da sua própria memória camponesa em Sarthe, na França, o que lhe vale o comentário de Edgard Sienaert de que Jousse produziu fazendo auto etnografia), valorizando a execução de antigas canções, a

narração de passagens bíblicas, os corpos marcados pelos balanços e embalos dos esquemas rítmicos.

Jousse também atenta para os jogos infantis, que considera fonte da sua conceituação gestual-mimismológica da realidade), e que são memorizados com “todos os músculos” durante as brincadeiras, possibilitando-nos essa imersão, essa *mimesis* sensorial e gestual com o meio natural, um contato avesso às mediações que ele classifica como *algebristas* e que são o *anima*, se assim pudermos chamar, do ensino escrito. A analogia matemática não é coincidência, mas mais um exemplo claro do vocabulário singular e da maneira de pensar de Jousse, criando metáforas dos diálogos estabelecidos com outras ciências.

Para além do jogo como diversão, Jousse aponta para seu caráter de formação, para sua habilidade na realização de operações cognitivas engendradas a partir de um mecanismo antropológico de vai-e-vem sensório-motor que se estabelece de maneira rítmica entre o externo e o interno, isto é, entre a impressão e a expressão.

O autor elabora sua explicação sobre o processo do pensamento humano como um caminho desvitalizante da expressão gestual humana e uma entrada progressiva na abstração que forma o pensamento espontâneo e caracteriza a cultura dissociada Ocidental contemporânea.

Distinguindo *descobrir* e *inventar*, Jousse valoriza a *observação* e seu *registro* como tendo preeminência metodológica sobre a *explicação*, desde o momento em que “descobrir é ver o que existe”, enquanto que inventar é “construir algo que não existe”.

Ainda que se tenha a tentação de enquadrar Marcel Jousse na contraposição entre o pensamento concreto e a abstração algebraica, Gabriel Bourdin nos lembra que não se trata de dar vazão a nenhuma matriz irracionalista ou anticientífica em prol de algum naturalismo antropomórfico, ou doutrina sensualista, intelectualmente prazerosa. Igualmente, a recomendação pedagógica que Jousse faz de não apurar o ensino de álgebra para as crianças, mas, ao contrário, procurar prolongar a fase de suas aprendizagens, tampouco deve ser visto como um gesto retardatário, contrário à educação científica e ao desenvolvimento da inteligência infantil.

A explícita proposta jousiana é a de uma refundação geral das ciências em uma base antropológica. A antropologia de Jousse restitui o sujeito, reintegrando-o no seio mesmo do pensamento científico.

Primando por chegar à camada primordial do *anthropos*, e acreditando que os saberes tradicionais se inscrevem no corpo desde a infância, na forma de fórmulas gestuais e fórmulas recitadas de acordo com um ritmo específico, a tese de Jousse envolve uma crítica feroz contra a cultura e a pedagogia livrescas que ele acredita atrofiarem a memória e a observação da realidade.

Refletindo em sintonia com questões contemporâneas sobre as relações com a alteridade, Jousse sinaliza sua visão de conhecimento: conhecer é coincidir. Tomamos um objeto através de nossos sentidos: olhos, ouvidos, mãos... intussuscepçionamo-lo em nós e assim o conhecemos interiormente. É isso conhecer. É preciso fazer coincidir, interpenetrar, que um esteja no outro.

A construção do esquema de investigação da psicologia do gesto e do ritmo envolveria três fases: a *elaboração* – inconsciente – das ferramentas, a partir da intussuscepção das coisas; a verificação de sua solidez e a *apresentação* mesma dessas ferramentas e seus necessários ajustes à manipulação de outros pesquisadores.

A esta altura, o leitor deve estar se perguntando porque uma obra com esse grau de encantamento e de aplicabilidade teria caído no esquecimento, mas Bourdin se antecipa e embora não pareça argumento suficiente, afirma que a razão mais evidente parece mesmo se dever ao fato de que numa civilização onde predomina de maneira avassaladora o estilo escrito, os ensinamentos de Jousse, sustentados pelo estilo oral, não teriam espaço.

Outra razão para tal esquecimento teria sido as profundas mudanças sofridas no meio intelectual francês após a Segunda Guerra. Desde o início da guerra e até 1957 – quando Jousse interrompe definitivamente o ditado de seus cursos -, o universo intelectual francês era liderado pela filosofia da duração, da intuição e da evolução criadora de Bergson. A partir dos anos 30, começa a influência da filosofia de Husserl. O acento estava posto, portanto, na relação entre a experiência sensível, no movimento e na consciência, na vivência corporal e emotiva, na empatia intersubjetiva e na interpretação do sentido vivido, nas inextricáveis relações do sujeito com seu mundo. Mas essa *episteme* de época, como a chama Gabriel Bourdin, é enterrada pela Segunda Guerra. A partir de 1945 o marxismo e o estruturalismo vão dominar a cena francesa e o retorno ao real e o desenvolvimento da fenomenologia são então asfixiados pelo novo movimento. A ausência de sucessores (ou talvez sua existência em número reduzido) também é, por fim, apresentada como uma das razões para tal esquecimento, embora, como já dito no início dessa resenha, a obra começa, desde os anos 1990, a ser revisitada por pesquisadores de diferentes países.

São nos últimos anos da década de 1950 que a saúde de Marcel Jousse se deteriora. Em 1957 ele dita suas últimas conferências na Sorbonne. Com a colaboração de Gabrielle Baron, Marcel Jousse inicia uma síntese de sua obra que só é completada postumamente. Jousse morre em 14 de agosto de 1961, e em 1965 Gabrielle Baron publica *Marcel Jousse – introduction à sa vie e son œuvre*. Em seguida, publica uma síntese dos cursos intitulada *L'anthropologie du geste*, em 1969, reeditada em 1974 pela Gallimard. Ainda pela mesma editora, é publicada uma compilação das memórias científicas de Jousse, em dois volumes: *La manducation de la parole* (1975) e *Le parlant, la parole e le souffle* (1978). Em 2008, também

pela Gallimard, essas três obras foram reunidas em uma edição de bolso com o título de *L'anthropologie du geste*.

Mas há uma enormidade de outros assuntos que derivam do pensamento elementar e complexo de Marcel Jousse e que são abordados nesse interessante livro de Gabriel Bourdin, a exemplo das não afinidades entre o pensamento de Marcel Jousse e o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, ou mesmo o desinteresse de Jousse por temas que, paradoxalmente - e considerando sua vida religiosa - poderíamos pensar, à primeira vista, compondo seu universo de preocupações, a exemplo de categorias metafísicas tais como a alma ou Deus; como já dito, o pesquisador francês defendia o conhecimento dos fatos observáveis, registráveis e comunicáveis, uma ciência da experiência na qual o homem é um “complexo de gestos proposicionais”.

E talvez porque possamos pensar, com Guimarães Rosa, que a vida - ela mesma - acontece no particular, no varejo. É somente no detalhe que ela se faz significativa.

REFERÊNCIAS

AULESTIA, Gorka. Marcel Jousse y Manuel Lekuona: dos pioneros de la literatura oral. **RIEV – Revista Internacional de los Estudios Vascos**, n. 39, v. 1, p. 27-40, 1994.

BARON, Gabrielle. **Mémoire Vivante. Vie et Oeuvre de Marcel Jousse**. Paris: Le Centurion, 1981 [1965].

BOURDIN, Gabriel Luis. **La Jungla Antropológica – una introducción a la antropología del gesto y el mimismo de Marcel Jousse**. México: Instituto de Investigaciones Antropológicas (IIA) / Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), 2020.

CASTELLANI, Leonardo. **Psicología Humana**. Buenos Aires: Jack Trollers, 2012 [1953].

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução: Fábio Creder. São Paulo: Vozes, 2015.

JOUSSE, Marcel. **Le Style Oral Rithmique et Mnémotechnique chez les Verbo-Moteurs in Archives de Philosophie**. Vol. II – Cahier IV - Études de Psychologie Linguistique Beauchaise, Paris, 1925.

JOUSSE, Marcel. **L'Anthropologie du Geste**. Paris: Gallimard, 2008 [1974,1975, 1978].

RABINOVICH, Silvana. Gestos de la Letra: aproximación a la lectura y escritura em la tradición judia in **Acta Política**, v. 1-2, n. 26, p. 93-120, 2005.

RABINOVICH, Silvana. Walter Benjamin: el coleccionismo como gesto filosófico. **Acta Poética**, v. 1-2, n. 28, p. 241-256, 2007.